

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
FABIANO BERNARDO DIEB REIS**

**A PESSOA, A ÉTICA E A EDUCAÇÃO:
UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO PENSAMENTO DE LIMA VAZ**

**Juiz de Fora
2022**

FABIANO BERNARDO DIEB REIS

**A PESSOA, A ÉTICA E A EDUCAÇÃO:
UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO PENSAMENTO DE LIMA VAZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador teórico: Prof. Me. Pe. Elílio de Faria Matos Júnior

Juiz de Fora
2022

REIS, Fabiano Bernardo Dieb. A pessoa, a ética e a educação: uma perspectiva a partir do pensamento de Lima Vaz. Monografia de Conclusão do Curso de Filosofia apresentada ao Centro Universitário Academia de Juiz de Fora, 2º semestre de 2022.

**Prof. Me. Pe. Elílio de Faria Matos Júnior (UniAcademia)
(Orientador)**

Prof. Me. Pe. Laureandro Lima da Silva (UniAcademia)

Prof.Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinada em: 29/11/2022.

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus autor e princípio da vida e origem de todo saber.

A minha família, e em especial os meus pais e irmãos que caminham dia após dia ao meu lado.

Aos amigos de turma e a todos que ajudaram e ajudam neste caminho de fé e de esperança rumo ao meu grande sonho.

Aos amigos conquistados ao longo da trajetória acadêmica, que com o partilhar da mesma fé e esperança animaram os dias difíceis ajudando a construir a esperança com a mesma fé que professamos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Arquidiocese de Juiz de Fora e ao Seminário Santo Antônio, casa santa onde me proporcionou a busca do conhecimento acadêmico e ainda mais o exercício de enriquecimento da minha fé.

As muitas mãos generosas que me ajudaram durante a construção desse trabalho, que na oferta benfazeja colaboraram para a realização do mesmo.

Aos professores do curso que foram instrumentos para despertar ainda mais o conhecimento e instigar a busca do saber.

Aos amigos contemporâneos do mesmo curso, gratidão pela amizade e pela partilha benfazeja da amizade e da mesma fé que nos une.

A congregação dos Missionários do Verbo Divino que com alegria me acompanha no processo de desenvolvimento pessoal e vocacional para melhor servir e amar ao reino de Deus através dos irmãos e irmãs, principalmente os mais pobres e marginalizados.

Enfim todos quantos estão envolvidos direta e indiretamente como colaboradores dedicando um pouco da sua colaboração para a construção do mesmo.

Deus nunca se esquece de ninguém, sempre pensa em nós.

(Beato Papa João Paulo I)

RESUMO

BERNARDO, Fabiano Dieb Reis. **A pessoa, a ética e a educação: uma perspectiva a partir do pensamento de Lima Vaz**. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2022.

O propósito deste trabalho justifica-se pela importância da contribuição do pensamento vaziano para a educação no sentido de evitar o relativismo, sem cair, contudo, no absolutismo. A presente pesquisa teve como metodologia a pesquisa bibliográfica baseada na obra do autor em pesquisa, com a coleção de nome **Antropologia filosófica** nos volumes I e II, e na obra **Introdução a Ética Filosófica** nos volumes III e IV, e em vários autores de referência, onde cada autor tem seu ponto de vista sobre cada assunto a ser citado. O conceito de relativismo cultural deve ser adequadamente compreendido por todos os indivíduos envolvidos direta ou indiretamente nas situações de contato. É um princípio que permite ao observador ter uma visão objetiva das culturas, cujos padrões e valores são tidos como próprios e convenientes aos seus integrantes. Considerando a extrema diversidade cultural da humanidade, pode-se compreender cada grupo humano, seus valores definidos, suas exclusivas normas de conduta e suas próprias reações psicológicas aos fenômenos do cotidiano; e também suas convenções relativas ao bem e ao mal, ao moral e ao imoral, ao belo e ao feio, ao certo e ao errado, ao justo e injusto, entre outras. Desse modo, à luz do pensamento filosófico do Padre Vaz, trazemos para este trabalho uma reflexão ética, de modo que relacionada à educação, pode-se construir um caminho de reflexão e construção de valores, visando sempre a formação da opinião do indivíduo, tendo em mente o cuidado para evitar assim o relativismo, entretanto sem cair no absolutismo.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia. Absolutismo. Ética. Educação. Relativismo.

ABSTRACT

The purpose of this work is justified by the importance of the contribution of vazian thought to education in order to avoid relativism, without, however, falling into absolutism. The present research had as methodology the bibliographical research based on the work of the author in research, with the collection called **Anthropology Philosophical** in volumes I and II, and in the work **Introduction to Philosophical Ethics** in volumes II and IV, and in several reference authors, where each author has his point of view on each subject to be cited. The concept of cultural relativism must be properly understood by all individuals directly or indirectly involved in contact situations. It is a principle that allows the observer to have an objective view of cultures, whose standards and values are considered proper and convenient for their members. Considering the extreme cultural diversity of humanity, it is possible to understand each human group, its defined values, its exclusive norms of conduct and its own psychological reactions to everyday phenomena; and also its conventions regarding good and evil, moral and immoral, beautiful and ugly, right and wrong, just and unjust, among others. In this way, in the light of the philosophical thought of Father Vaz, we bring to this work an ethical reflection, so that related to education, a path of reflection and construction of values can be built, always aiming at the formation of the individual's opinion, having in mind the care to avoid relativism, however without falling into absolutism.

KEYWORDS: Anthropology. Absolutism. Ethic.Education. Relativism.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 | TRAÇOS DA ANTROPOLOGIA VAZIANA..... | 13 |
| 2.1 | DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA..... | 13 |
| 2.2 | METODOLOGIA VAZEANA..... | 14 |
| 2.3 | O ESPÍRITO E SUA RELAÇÃO COM A TRANSCENDÊNCIA..... | 17 |
| 3 | ARTICULAÇÃO DO DISCURSO ÉTICO DE LIMA VAZ..... | 21 |
| 3.1 | RELAÇÃO METAFÍSICA E ÉTICA..... | 22 |
| 3.2 | ÉTICA E VALORES NA ATUALIDADE..... | 25 |
| 4 | COMO A EDUCAÇÃO PODE SE BENEFICIAR DO PENSAMENTO VAZIANO NO SENTIDO DE EVITAR O RELATIVISMO, SEM CAIR, CONTUDO, NO ABSOLUTISMO..... | 29 |
| 4.1 | A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO CARÁTER – OPINIÃO DO ÍNDIVIDUO..... | 30 |
| 4.2 | ABSOLUTISMOS X RELATIVISMO NA EDUCAÇÃO..... | 32 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 36 |
| | REFERÊNCIAS..... | 40 |

1 INTRODUÇÃO

A filosofia pretende ser uma busca e uma justificação racional dos princípios primeiros e universais das coisas, das ciências e dos valores, e uma reflexão sobre a origem e a validade das ideias e das concepções que o homem elabora sobre si mesmo e sobre o que o cerca.

Diante do exposto, a obra do Padre Henrique Cláudio Lima Vaz leva a discutir como pensar as estruturas fundamentais da ética filosófica.

Lima Vaz, ao buscar compreender a natureza da ética, esclarece:

[...] por sua própria finalidade de saber normativo e prescritivo do agir humano, é um saber antes vivido do que pensado nas inúmeras vicissitudes da vida humana. Este saber ético não pode de forma alguma se submeter ao sonho de um novo e radical começo. A humanidade não pode recomeçar sua história a cadamanhã e nem refazer continuamente os seus critérios de discernimento do bem e do mal, do certo e do errado, do justo e do injusto. Neste sentido, Lima Vaz dirá que a “experiência da modernidade, onde circulam espectros de novas éticas que nunca conseguiram ter vida, é eloquentemente conclusiva” (VAZ, 2011, p. 64).

A ética em seu sentido de maior amplitude tem sido entendida como a ciência da conduta humana perante o seu ser e o de seus semelhantes.

Nesse sentido, Herrero (2012) destaca que, do ponto de vista ético, a civilização ocidental, sendo uma civilização da razão, é a única que se tornou universal, mas sem poder dotar o *ethos* tradicional de um dinamismo que o tornasse igualmente universal. O problema está em que a razão se expandiu em várias direções, (científica, técnica, organizacional, política), mas no âmbito do *ethos* não consegue criar um novo paradigma de racionalidade ética ou uma ética universal para uma civilização universal.

Lima Vaz (2011) chama a atenção para:

[...] uma Ética universal adequada às exigências da civilização universal ou planetária, que parece dever implantar-se definitivamente no século XXI. Assim diante da fragmentação da imagem do homem na pluralidade dos universos culturais nos quais ele se socializa e se politiza efetivamente (...) torna problemática e difícil a adequação das convicções do indivíduo e da sua liberdade a ideias e valores universalmente reconhecidos e legitimados num sistema de normas e fins aceito pela sociedade (LIMA VAZ, 2011, p. 174).

Neste fenômeno, procede a identificação da raiz provável do paradoxo de uma sociedade obsessivamente preocupada em definir e proclamar uma lista crescente de direitos humanos e impotente para fazer descer do plano de um formalismo abstrato e inoperante esses direitos e levá-los a uma efetivação concreta nas instituições e práticas sociais (VAZ, 2011).

Tal discussão também pode ser vislumbrada por meio de uma interpretação antropológica, ou seja, quais as concepções que o homem formulou filosoficamente a respeito dele mesmo no desenvolvimento da história.

O presente trabalho busca responder à seguinte questão-problema: como se dá a discussão entre moral, educação e busca do bem, de um lado, e a relatividade do agir histórico, de outro, sob a ótica que da inspiração do pensamento de Lima Vaz?

A escolha do tema justifica-se pela importância da contribuição do pensamento vaziano para a educação no sentido de evitar o relativismo, sem cair, contudo, no absolutismo.

A relatividade cultural ensina que uma cultura deve ser compreendida e avaliada dentro dos seus próprios moldes e padrões, mesmo que estes pareçam estranhos e exóticos. Assegura ao antropólogo atitudes mais justas e humanas, o que vem, muitas vezes, contrariar os interesses da cultura dominante que, quase sempre, nas situações de contato, não leva em consideração alguns princípios humanitários.

O conceito de relativismo cultural deve ser adequadamente compreendido por todos os indivíduos envolvidos direta ou indiretamente nas situações de contato. É um princípio que permite ao observador ter uma visão objetiva das culturas, cujos padrões e valores são tidos como próprios e convenientes aos seus integrantes. Considerando a extrema diversidade cultural da humanidade, pode-se compreender cada grupo humano, seus valores definidos, suas exclusivas normas de conduta e suas próprias reações psicológicas aos fenômenos do cotidiano; e também suas convenções relativas ao bem e ao mal, ao moral e ao imoral, ao belo e ao feio, ao certo e ao errado, ao justo e injusto, entre outras.

A presente pesquisa teve como metodologia a pesquisa bibliográfica baseada em vários autores de referência, onde cada autor tem seu ponto de vista sobre cada assunto a ser citado, e como material de apoio também, serão utilizados recursos de

pesquisa em publicações, livros, artigos de revistas, material didático relacionados ao tema de pesquisa.

De acordo com Lakatos e Marconi (2018) a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. Portanto buscou-se realizar uma busca nas bases de dados eletrônicos do Google Acadêmico, *Library Online (Scielo)*, Biblioteca da USP, entre outros, utilizando-se como descritores: Lima Vaz, Ética, Filosofia, *Ethos*.

Inicialmente foi feita uma busca da bibliografia condizente com o tema. O segundo momento será caracterizado pela leitura e seleção da bibliografia que efetivamente será utilizada no decorrer da investigação e realização do trabalho.

Na busca de uma melhor compreensão do tema em estudo, o trabalho foi dividido em três seções: a primeira buscou caracterizar os traços da Antropologia vaziana, como forma de elucidar as ideias do filósofo; a segunda buscou elucidar a articulação do discurso ético de Lima Vaz, relacionando suas ideias à metafísica e aos valores da atualidade; a terceira discutiu como a educação pode se beneficiar do pensamento vaziano no sentido de evitar o relativismo, sem cair, contudo, no absolutismo, trazendo a importância de seu pensamento na educação buscando a formação do caráter do indivíduo.

2 TRAÇOS DA ANTROPOLOGIA VAZIANA

A questão do estudo acerca de quem é o homem para Lima Vaz é fundamental. Sua antropologia¹ tem o intuito de levar a cabo uma compreensão filosófica sobre o conceito de pessoa, que é, para ele, a categoria que diz quem o homem é. E, diante desse processo, a categoria de pessoa demonstra ser a síntese integral da antropologia filosófica entre o transcendente e o imanente, o dado e a forma, a finitude e a infinitude, o sujeito e o objeto do ser.

Para uma melhor compreensão do comportamento humano, é necessário o entendimento de que as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. “Portanto, a provisoriedade, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social.” (MINAYO, 2015, p. 16). Para Lima Vaz, o homem é histórico, finito, mas também é habitado por um dinamismo que o impulsiona a transgredir limites, o que manifesta que há nele a presença transcendente do Ser.

2.1 DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA

A antropologia filosófica, tal como Lima Vaz a entende, procura responder à questão sobre o ser do homem. Dado que não se tem uma intuição de partida sobre quem seja o homem, Lima Vaz elabora um método complexo, dialético, em que procura considerar os passos dados pela tradição de conhecimento humano, em seus vários níveis e expressões, em vista do trabalho, eminentemente filosófico, de síntese ou explicação filosófica. Não é o objetivo desse trabalho detalhar o método, mas queremos mostrar que, ao fim, para Lima Vaz o homem é, de um lado, um Ser

¹**Antropologia.** Do grego *anthropos*, homem, e *logos*, teoria, ciência. Ciência do homem ou conjunto das disciplinas que estudam o homem.

2. *Antropologia física:* conjunto das ciências naturais que estudam o homem enquanto animal.

3. *Antropologia cultural:* ciência humana que tem objeto de estudo as diferentes culturas e que investiga mais especialmente as camadas sociedades primitivas.

4. *Antropologia filosófica:* “Conhecimento pragmático daquilo que o homem, enquanto ser dotado de livre-arbítrio, faz, pode ou deve fazer dele mesmo” (Kant). (1)

(1) JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

profundamente radicado na finitude e, de outro, um ser que lança raízes também na infinitude, pois a presença do Ser nele é o fundamento e a meta do dinamismo ilimitado de seu espírito.

Barbosa (2021) destaca que:

Lima Vaz propõe a rememoração dos passos dados pela tradição (ideias do homem), porém rearticulando cada questão (crítica) de tal modo que seja possível elaborar de modo sistemático (explicação filosófica) uma antropologia integral (transcendental-filosófica). O método rememorativo-dialético constitui o processo pelo qual Lima Vaz fundamenta, integra, organiza, e desenvolve a antropologia filosófica, ele passa pela pré-compreensão, pela compreensão explicativa e pela sistematização. Nessa lógica segue a categoria mais elevada da antropologia vaziana: a categoria de pessoa. Esta não somente se constitui como síntese integral da antropologia filosófica como também possui o referencial enriquecedor da antropologia filosófica: a teologia, o transcendente (BARBOSA, 2021, p. 34).

É possível notar que Lima Vaz busca analisar o homem enquanto sujeito como limite da finitude e da infinitude, o que permite evitar os reducionismos. Parte da contingência empírica da natureza e se dirige ao horizonte de expressividade, da cultura e da transcendência, do dado da natureza ao dinamismo de seu espírito, sem negligenciar nenhum desses aspectos. Vaz, não desconsiderando os outros saberes, quer atingir a visão filosófica do homem, pois sua metodologia² envolve três níveis de conhecimento do homem: o senso comum (que equivale à pré-compreensão que o homem tem de si mesmo); a ciência (que corresponde, em seu sistema, à compreensão explicativa) e a filosofia.

2.2 METODOLOGIA VAZEANA

Em seu trabalho Barbosa (2021) apresenta pressupostos básicos para a compreensão e o desenvolvimento do elemento mais relevante da pesquisa de Lima Vaz em seu entendimento da Antropologia.

– a elaboração de uma ideia do homem que eleve em conta, de um lado, os problemas e temas presentes ao longo da tradição filosófica e, de outro, as constituições e perspectivas abertas pelas recentes ciências do homem; –

²**Metodologia.** O estudo geral do método nos diversos domínios particulares de investigação: ciência, história, matemática, psicologia, filosofia, ética. Se existe uma maneira de investigar que conduz à verdade, então existe uma maneira correta de investigar, que conduz à verdade de um modo logicamente seguro.

(1) BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Consultoria da edição brasileira, Danilo Marcondes. Tradução de Desidério Murcho ...et al. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

uma justificação crítica dessa ideia, de modo que possa expressar-se como fundamento da unidade dos múltiplos aspectos do fenómeno humano implicados na variedade das experiências com que o homem se exprime a si mesmo, e investigados pelas ciências do homem; – uma sistematização filosófica dessa ideia do homem tendo em vista a constituição de uma ontologia do ser humano capaz de responder ao problema clássico da essência: “O que é o homem?” (VAZ, 2006, p. 5)

Dessa forma, uma Antropologia integral deve tentar uma articulação entre três polos que não ceda ao reducionismo e não se contente com simples justaposição, mas proceda dialeticamente, “integrando os três polos da natureza, do sujeito e da forma na unidade das categorias fundamentais do discurso filosófico sobre o homem (...)”. (VAZ, 2006, p. 8)

Em seu estudo, o filósofo adota um percurso metodológico na busca de apresentar um conceito que possa abarcar as diversas e antagónicas imagens do homem que se desenvolveram na história, nas ciências humanas até alcançar a dimensão propriamente filosófica, metafísica³ e integral do homem.

Assim, a “tarefa que se propõe a Antropologia filosófica é identificar essas categorias, definir seu conteúdo, e articulá-las de modo a que se constitua com elas um discurso sistemático.” (VAZ, 2006, p. 144).

O método rememorativo-dialético constitui o processo pelo qual Lima Vaz fundamenta (metafísica), integra (ontologia), organiza (dialética) e desenvolve a antropologia filosófica. Previamente, para o estatuto de um saber antropológico, Barbosa (2021, p. 18) destaca que é preciso distinguir três níveis de conhecimento do homem, tal organização se reporta ao caminho percorrido por Lima Vaz de categorização e sistematização⁴ conceitual:

³A metafísica como foi entendida e projetada por Aristóteles, é a ciência primeira no sentido de fornecer a todas as outras o fundamento comum, ou seja, o objeto a que todas elas se referem e os princípios dos quais todas dependem. A metafísica implica, assim, uma *enciclopédia* das ciências, um inventário completo e exaustivo de todas as ciências, em suas relações de coordenação e subordinação, nas tarefas e nos limites atribuídos a cada uma, de modo definitivo.

Historicamente, a metafísica compreende: a) teologia; b) ontologia; c) gnosiologia.

A caracterização hoje corrente da metafísica como “ciência daquilo que está além da experiência” pode referir-se apenas à primeira dessas formas históricas, ou seja, a metafísica teológica; trata-se também de uma caracterização imperfeita, porquanto leva em conta uma característica subordinada, por isso, inconstante, dessa metafísica. (2)

Metafísica. Ramo da filosofia que se interessa pelos princípios primeiros das coisas, incluindo conceitos abstratos como ser e conhecer. (3)

⁴**Sistema conceitual.** Um sistema *conceitual* é um sistema composto de conceitos. Os mais simples de todos os sistemas conceituais são proposições como “Os seres humanos são sociáveis”. Formalizando: “Para todo x, se x é um ser humano, então x é sociável”. (1)

Sistema de Conhecimento Humano. À primeira vista, o conhecimento humano é um mosaico sem quaisquer padrões discerníveis. Um olhar mais próximo revela uma unidade subjacente. Essa unidade é efetuada por pontes de, no mínimo, seis diferentes espécies: (a) *lógica*; (b) uso da *matemática*; (c) *método científico*; (d) *redução*; (e) *fusão* de disciplinas de início disjuntas; (f) o

a) **plano da pré-compreensão**: essa tem lugar num determinado contexto histórico-cultural, no qual é predominante uma certa imagem do homem, que modela uma forma de experiência natural que o homem faz de si mesmo e que exprime intelectualmente em representações, símbolos, crenças etc; b) **plano da compreensão explicativa**: é o plano no qual se situam as ciências do homem, que pretendem compreendê-lo por meio da explicação científica, obedecendo a cânones metodológicos próprios de cada ciência; c) **plano da compreensão filosófica (ou transcendente)**: o termo “transcendental” é usado aqui em dois sentidos. O primeiro é o sentido clássico, ou seja, o sentido que pervade todos os aspectos do objeto ou, em outras palavras, considera o objeto enquanto ser. Portanto, tal sentido transcende os limites metodológicos postos pela explicação científica, o que exclui que a compreensão filosófica seja apenas a síntese dos resultados (...). O segundo do sentido kantiano moderno, ou seja, aquele que exprime a compreensão filosófica como condição de possibilidade (e, portanto, de inteligibilidade) das outras formas de compreensão do homem: a précompreensão e a compreensão explicativa. A compreensão filosófica tematiza, em suma, a experiência original que o homem faz de si mesmo com ser capaz de dar razão (lógonidonai) do seu próprio ser, ou seja, capaz de formular uma resposta à pergunta: “O que é o homem?” A expressão intelectual dessa compreensão é vazada em conceitos propriamente filosóficos ou categorias. (VAZ, 2006, p. 143 e 144).

As três dimensões da experiência filosófica fundamental – Natureza, Sujeito e Eu – devem conduzir o homem para a experiência da transcendência. Essa experiência “é interpenetração de presenças: a presença do homem é uma presença no mundo (ser-no-mundo), um ser-com -os-outros e uma presença a si mesmo” (VAZ, 2006, p. 145). O caminho da antropologia vaziana retoma o objeto (homem enquanto objeto), o conceito (que exprime o objeto com ser) e o discurso (movimento lógico de constituição do sujeito enquanto sujeito) atingindo, portanto, o nível formal e categorial do discurso acerca do homem (LIMA VAZ, 2006, p. 147).

Barbosa (2021) chama a atenção para o fato de que o ponto mais elevado da antropologia vaziana está na categoria de pessoa como princípio e como fim do discurso dialético, mediado pelo Eu sou. Se tal categoria percorre e enriquece toda a extensão da antropologia filosófica, ela é o ponto nodal do discurso em que se entrelaça “a inteligibilidade em-si e a inteligibilidade para-nós, nela cumpre-se finalmente o princípio de totalização, com adequação inteligível entre o sujeito e o ser” (VAZ, 1992, p. 192). O dinamismo do Eu sou transgride, sem negá-las, as categoriais do corpo próprio e do psiquismo para desaguar na categoria do espírito, em que o homem se reconhece como identidade intencional com a infinitude do Ser

garimpo e a elaboração de ideias filosóficas envolvidas na ciência e na tecnologia, como as de sistema, emergência, de verdade e princípios de realidade, bem como de legalidade, sistematicidade e inteligibilidade do mundo. (1)

e, assim, como ser-para-a-transcendência⁵. É neste ponto que a categoria de pessoa é formulada. Pessoa é abertura para a infinidade do Ser. Assim:

(...) a designação de pessoa convém do modo mais excelente ao Absoluto – a Deus – e é em virtude dessa referência analógica na própria ordem de perfeição do ser que a pessoa finita, seja no âmago mais íntimo da sua essência, seja no invariante ordenador da sua linha de existência, deve ser dita ser-para-a-transcendência. Dessa sorte, a pessoa pode ser apresentada como “síntese metafísica” e pessoa concreta como “resumo de toda ordem metafísica”. (VAZ, 1992, p. 193 e 194)

É na sistematização metódica que a categoria de pessoa se apresenta como nível mais elevado da antropologia vaziana para a questão sobre o que é o homem. O que compreende, caracteriza e constitui o homem enquanto objeto, caminho, sujeito e totalização humana é a categoria de pessoa, desde sua experiência primeira, constituição e conceituação filosófica

2.3 O ESPÍRITO E SUA RELAÇÃO COM A TRANSCENDÊNCIA

A categoria estrutural do espírito corresponde à categoria relacional de transcendência, assim sendo, sua compreensão precisa mostrar a sua relação com a dimensão do espiritual, pois a mesma se coloca à frente das categorias de objetividade e de intersubjetividade⁶, e o espírito envolve as categorias de estrutura do corpo e da psique, encontrando nessas duas categorias o ponto mais alto da reflexão e da auto expressão do Eu sou.

⁵**Transcendência/transcendente.** Do latim *transcendere*, ultrapassar, superar. **1.** A noção de transcendência opõe-se à de imanência, designando algo que pertence a outra natureza, que é exterior, que é de ordem superior. Nas concepções teístas, p. ex.: Deus é transcendente ao mundo criado. **2.** Que está além do conhecimento, além da possibilidade da experiência, que é exterior ao mundo da experiência. (1)

Caráter de tudo o que ultrapassa uma média. No sentido estritamente filosófico, a transcendência implica uma natureza absolutamente **superior** às outras, ou de uma ordem radicalmente **diferente**. É portanto mais particularmente Deus, com relação ao mundo e aos seres imanentes (o que exclui qualquer concepção panteísta). Em **Kant** é transcendente o que está além de qualquer experiência possível. Na **fenomenologia** e, depois, no existencialismo, o transcendente caracteriza o que visa a consciência, ou seja, aquilo em direção ao que ela tende ao mesmo tempo que daí permanece distante.

⁶**Subjetividade.** Característica do sujeito; aquilo que é pessoal, individual, que pertence ao sujeito e apenas a ele, sendo portanto, em última análise, inacessível a outrem e incomunicável. Interioridade. Vida interior. A filosofia chama de “subjetivas” as qualidades segundas (o quente, o frio, as cores), pois não constituem propriedades dos objetos, mas “afetações” dos sujeitos que as percebem. Nenhum objeto é quente ou frio, mas cada um possui apenas uma certa temperatura. Toda impressão é subjetiva. Por isso, Kant chama de subjetivos o espaço e o tempo, porque não são propriedades dos objetos, não nos são dados pela experiência, mas pertencem ao sujeito cognoscente: são “formas *a priori* da sensibilidade”. Assim, a subjetividade caracteriza a teoria do conhecimento de Kant

Na antropologia de Lima Vaz é possível encontrar, segundo Ferreira (2019) três categorias/estruturais que são fundamentais para o ser humano, a saber: a categoria do corpo próprio, do psiquismo⁷ e do espírito. Neste disserto, abordar-se-á apenas a categoria do espírito, como veremos mais adiante; mas, ao abordarmos a categoria do espírito, as demais categorias estruturais também serão trabalhadas, isso porque é a categoria do espírito que confere unidade a todas as demais categorias. Quando fala que o ser humano é um ser espiritual, o corpo e o psiquismo já estão supressumidos nessa afirmação. Para apresentar cada uma dessas estruturas fundamentais, Lima Vaz apresenta-nos um método que envolve três níveis de conhecimento que, segundo ele, a Antropologia deve levar em consideração no processo de conhecimento do homem. São estes os três níveis: a) – a pré-compreensão; b) – a compreensão explicativa; c) – a compreensão filosófica.

Com a categoria do espírito ou com o nível estrutural aqui designado como *noético-pneumático*, atingimos o ápice da unidade do ser humano. É nesse nível que o ser do homem abre-se necessariamente para a transcendência: trata-se de uma abertura propriamente transcendental, seja no sentido clássico, seja no sentido kantiano-moderno, que faz do homem nesse cimo de ser que é também, para usar outra metáfora, o âmago mais profundo de sua unidade, um ser estruturalmente aberto para o outro. (LIMA VAZ. 1991. p. 201)

Em relação à categoria do corpo próprio, Ferreira (2019) chama a atenção para o fato de que ele situa o ser humano no espaço e no tempo, mas é pelo espírito se se consegue transcender o espaço e o tempo e ter contato com a transcendência. Devido ao seu aspecto racional, o homem é um ser que se abre à verdade, seja ela das coisas ou de si mesmo, mas a alienação prende o ser humano e o faz com que não busque mais a verdade.

Nesta mesma linha de pensamento, de acordo com sua noção de liberdade, o homem busca o bem, e o primeiro bem buscado é o bem para ele mesmo, visto que ninguém busca, para si, o mal. É possível entender então que somente o ser humano tem espírito e pratica atos espirituais.

Com efeito, em sua estrutura espiritual ou noético-pneumática, o homem se abre, enquanto inteligência (*nous*), à amplitude transcendental da verdade, e, enquanto liberdade (*pneuma*), à amplitude transcendental do bem: como

⁷Psiquismo é o conjunto de características psicológicas de um indivíduo. O termo também é usado para descrever a hipótese de que a atividade psíquica de um indivíduo adviria de sua alma, sendo formada por um fluido especial separado da parte orgânica.

espírito ele é, pois, o lugar do acolhimento e da manifestação do Ser e do consentimento ao Ser: *capaxentis*. (VAZ, Lima. 1991. p. 202)

Então, quando Lima Vaz afirma que o homem é um ser espiritual, é uma condição que envolve corpo, psiquismo, razão e liberdade; e nenhuma dessas categorias fica de fora ou simplentesme ao lado da outra, pois, uma categoria suprassume a outra elevando-a. Neste sentido, corpo, não é entendido apenas em sua visão físico-biológica, mas é também uma totalidade intencional, conforme nos diz Lima Vaz (1991), em que “o homem se torna capaz de dar ao seu corpo uma intencionalidade que transcende o nível físico-biológico”.

Quanto ao que diz respeito ao psiquismo, verifica-se que a passagem do estar-no-mundo para o ser-no-mundo, ou da presença natural para a presença intencional, dá-se, segundo Lima Vaz (1991), no sentido de uma interiorização do mundo ou da constituição de um mundo interior.

É possível ver que, o problema do psiquismo, esse intermediário entre o corpo e o espírito, é um problema que percorre toda a história da filosofia. O psiquismo, para Lima Vaz, é o primeiro estágio de interiorização do mundo, é pelo psiquismo que o homem consegue interiorizar as realidades provenientes do mundo externo. Em suma, o psiquismo assume o corpo, dando-lhe um sentido mais elevado.

Para Silva (2010) o ser humano, segundo Lima Vaz, caracteriza-se em seu ato de existir como um sujeito de reflexividade e expressividade, capaz de dar sentido a si mesmo e a tudo o que o cerca. O sujeito na condição expressiva de seu existir, caracteriza-se como ser situado e circunscrito pela finitude da sua situação no mundo (VAZ, 1991). Situação e finitude são marcadas pela sua presença no mundo, enquanto ele é ser-no-mundo (natureza), ser-com-os-outros (sociedade) e ser-em-si (eu na presença de mim mesmo). Mas também essa finitude humana - que é expressão de si mesma, é sujeito, ainda que finito⁸ – vive no horizonte da

⁸Por oposição ao infinito, o *finito* designa o que tem um limite e pode portanto ser medido, enquanto a *finitude* caracteriza a condição humana, seja na concepção cristã, por oposição à transcendência e à perfeição divina, seja no existencialismo, como contingência radical e sentimento do dever-morrer.

(1) Sob a dupla influência da matemática e do pensamento cristão (no qual Deus é o ser infinito em todos os seus atributos), o infinito vai ser filosoficamente pensado como positivo – por oposição à finitude (humana), que é doravante compreendida como negação (ou carência) do ser. Descartes irá admitir em particular que a noção de infinito está presente no espírito anteriormente à de finito, que só pode ter sentido com relação a seu horizonte – a mesma relação valendo para o perfeito e o imperfeito. (1)

No sentido teológico, aquilo que encontra limites ou obstáculos à sua possibilidade de ser, à sua potência. Esse conceito de Finito remonta a Plotino, que foi o primeiro a entender o infinito como não

ilimitação do Ser, a partir da qual se reconhece como abertura e dinamismo para a transcendência.

Em suma, é como lugar da potência do Ser que o homem se mostra radicalmente como contingência e como abertura no pensamento de Lima Vaz; isto é, "o homem tem o ser mais não é o seu ser e, assim, está religado ao princípio absoluto de si mesmo" (ARDUINI, 1989, p. 5). Assim, será enquanto ser finito e situado que o sujeito, no seu desafio e tarefa de estar sempre em contínua busca, e, portanto, inacabada de autorrealização, se autoexpressará livremente como pessoa em suas categorias de objetividade, intersubjetividade e transcendência.

Notadamente, cada ser humano, de maneira em geral, possui características próprias e particulares que foram sendo constituídas a partir da relação com o outro em sociedade, fruto da influência hereditária, cultural, religiosa, convivência educacional, postura ética dentre outras. Abordar o tema do espírito e sua relação com a transcendência se torna imprescindível, por entender essa categoria como mola impulsora de possíveis ações que contribuem para uma promoção da boa convivência.

limitação da potência. Para Hegel, o infinito é a própria realidade, enquanto potência ilimitada, de realização, enquanto Absoluto. Finito é aquilo que não tem potência suficiente para realizar-se, o ideal, o dever-ser. Desse ponto de vista, finito é "irreal" e encontra realidade só no infinito e como infinito. (2)

3 ARTICULAÇÃO DO DISCURSO ÉTICO DE LIMA VAZ

A Ética⁹, enquanto, ciência do *ethos*, diz acerca da especificidade da ação humana (práxis) que possui em si a liberdade de agir e, também, é marcada por uma regularidade da ação, expressa na constância do hábito.

Lima Vaz destaca-se como um estudioso acerca da complexidade dos temas da ética e da moral, visando formas de resgatar conceitualmente a reflexão sobre a estrutura e o movimento lógico do pensamento ético-filosófico, ele procura conjugar o didatismo técnico dos conceitos filosóficos com o rigor do método filosófico como condição de possibilidade para o enfrentamento racional das questões éticas colocadas pelo presente.

O autor esclarece que a palavra ética teve origem a partir de dois vocábulos gregos: *ethos* (com *eta* inicial) *ethos* (com *epi* inicial).

Assim para Vaz (1993) a Ética fundamental é de natureza filosófica, pois se funda num estatuto inteligível próprio e universal, não se reduzindo às condições empíricas de organização dos grupos humanos em seu contexto histórico, sendo por isso mesmo uma Ética filosófica. Nesta perspectiva, ele direciona seus Escritos de Filosofia, para o objetivo de “mostrar que os problemas fundamentais de uma ciência do *ethos* (...) exigem o recurso à razão filosófica para que possam ser adequadamente equacionados em nível conceitual que atenda à natureza de seus termos”.¹³ É da sua fundamentação filosófica que se edificam os saberes empírico-formais e hermenêuticos sobre o *ethos*, e conseqüentemente a sua legitimação epistemológica¹⁰ (a ciência do *ethos*).

⁹**Ética.** Do gr. *ethos* significa originalmente *morada*, seja o *habitat* dos animais, seja a morada do homem, lugar onde ele se sente acolhido e abrigado. O segundo sentido, proveniente deste, é *costume, modo ou estilo habitual de ser*. A *morada*, vista metaforicamente, indica justamente que, a partir do *ethos*, o espaço do mundo torna-se habitável para o homem. Assim, o espaço do *ethos* enquanto espaço humano, não é *dado* ao homem, mas por ele *construído* ou incessantemente reconstruído. (1)

Ética. O estudo das morais. a. **Científica-** O ramo da psicologia social, da antropologia, da sociologia e da história, que estuda a emergência, a manutenção, a reforma e o declínio das normas morais.

b. **Filosófica-** O ramo da filosofia que analisa conceitos morais (tais como os da bondade e da verdade moral) e preceitos morais (tais como os da reciprocidade). (4)

Ética Deontológica. Uma ética apenas de deveres. Ela pode ser conseqüencialista, como a maioria das éticas cristãs, ou inconseqüencialista, como a de Kant. (4)

¹⁰**Epistemologia.** Quer dizer, etimologicamente, "discurso sobre a ciência". Ainda que usado para significar "teoria do conhecimento", "gnoseologia", o termo emprega-se hoje, frequentemente, para designar o estudo crítico das ciências naturais e matemáticas. As ciências podem ser estudadas segundo o conteúdo ou segundo a forma, entendendo-se por conteúdo a matéria ou objeto que a ciência trata e por forma a estrutura racional que confere o caráter científico. A epistemologia é o estudo crítico da *forma* (e não do conteúdo) da *ciência*. Ao longo da história da filosofia, a

No primeiro caso, *ethos* significa abrigo protetor, segunda natureza, morada simbólica. Ele deve ser compreendido, portanto, como o conjunto de costumes que tem uma racionalidade implícita e que serve de critério para orientar a ação dos sujeitos históricos que compartilham determinado *ethos*.

Trata-se de um lugar de estada permanente e habitual, de um abrigo protetor, ou ainda, de um “esquema praxeológico durável, estilo de vida e ação”. Compreendido nesse sentido, o *ethos* torna o espaço do mundo [...] habitável para o homem. Enquanto tal, ele não é dado ao homem, mas por ele construído ou incessantemente reconstruído. Portanto, nunca está completamente pronto ou acabado. Nele se inscrevem os costumes, os hábitos, as normas e os interditos, os valores e ações que podem ou não configurar a vida do indivíduo como expressão radical do dever-ser ou do Bem. (VAZ, 1993, p. 13).

Neste contexto, valores como a honestidade, a confiança, a justiça, a criação de valor, o sacrifício próprio são de extrema importância para ser íntegro e manter a ética em qualquer situação. Sabe-se que esses valores são importantes para se ter um bom relacionamento com as pessoas e para o indivíduo ser aceito na sociedade, mas na prática o que se observa é que muitos indivíduos não seguem esses valores, infringem as regras e não são penalizados ou quando são penalizados é por pouco tempo.

Nota-se a necessidade de uma avaliação de quais são os valores éticos praticados ou pressupostos pela sociedade na qual o indivíduo está inserido, seja na família, na empresa, como também, quais as características que essa sociedade reconhece e atribui às pessoas, as quais são envolvidas e submetidas a submetidas por condutas atribuídas à sociedade como um todo.

3.1 RELAÇÃO METAFÍSICA E ÉTICA

No pensamento de Vaz, a visão de homem no mundo ocidental dá origem a duas formas do saber humano: a metafísica e a ética. “A Antropologia filosófica deve situar-se na interseção desses dois saberes, na medida em que ela irá coroar sua explicação do homem com as duas prerrogativas da “razão teórica” e da “razão prática¹¹”. (VAZ, 1991, p.157). Ao observar o seu contexto, Lima Vaz constata

epistemologia tem-se traduzido num critério de avaliação da autonomia das várias ciências em relação à filosofia e num critério de distinção dos vários ramos do saber.

¹¹**Razão.** Quando agimos por uma razão ela é uma causa de nossa ação? A explicação de uma ação, através da indicação da razão pela qual esta foi realizada é um tipo de explicação causal? A concepção que nega isso aponta a existência de uma relação lógica entre uma ação e sua razão:

que a abordagem cientificista do homem é redutora e limitada, pois foca somente aquilo que pode ser objetivado.

Tendo em vista a sua formação filosófico-teológica, Vaz busca resgatar o aspecto transcendente do homem. O autor afirma que “no espírito finito e, portanto, no homem, a abertura e inclinação para o Verdadeiro e o Bem são transcendentais porque constitutivas de sua essência” (VAZ, 1991, p. 233). A abertura do espírito ao Ser, de que tratamos no primeiro capítulo, corresponde à abertura ao Verdadeiro e ao Bem, pois estes são transcendentais daquele. Desta forma, a antropologia filosófica de Lima Vaz busca uma ponte entre o mundo das ciências e o mundo transcendente e assim chegar a uma compreensão que contemple a totalidade do homem.

Assim, se a ética nos permite exercitar uma forma de questionamento, onde nos colocamos diante do dilema entre "o que é" e o "que deveria ser", imunizando-nos contra a simplória assimilação dos valores e normas vigentes na sociedade. A reflexão ética também permite a identificação de valores petrificados que já não mais satisfazem os interesses da sociedade a que servem (OLIVEIRA e MELO, 2019).

Diante do exposto Herrero (2012) destaca que o problema principal que nos aflige atualmente, do ponto de vista ético, é que a civilização ocidental, sendo uma civilização da razão, é a única que se tornou universal, mas sem poder dotar o *ethos* tradicional de um dinamismo que o tornasse igualmente universal. O problema está em que a razão se expandiu em várias direções, (científica, técnica, organizacional, política), mas no âmbito do *ethos* não consegue criar um novo paradigma de racionalidade ética ou uma ética universal para uma civilização universal.

Chama-se a atenção para:

afirma-se que uma ação não o seria se não adquirisse sua identidade a partir do seu lugar no plano intencional do agente (seria apenas um exemplo de um comportamento, inexplicável por quaisquer razões). Razões e ações não são os acontecimentos "soltos e separados" entre os quais se registram relações causais. Na concepção contrária, apresentada por Davidson no seu influente artigo "Actions, reasons, and causes" (1963), sustenta-se que a existência de uma razão é um acontecimento mental e, a não ser que esse acontecimento esteja causalmente conectado com a ação, não podemos dizer que essa seja a razão pela qual a ação foi realizada. As ações podem ser realizadas por uma razão e não por outra, e a razão que as explica é aquela que foi causalmente eficaz, suscitando a ação. (4)

[...] uma Ética universal adequada às exigências da civilização universal ou planetária, que parece dever implantar-se definitivamente no século XXI. Assim diante da fragmentação da imagem do homem na pluralidade dos universos culturais nos quais ele se socializa e se politiza efetivamente (...) torna problemática e difícil a adequação das convicções do indivíduo e da sua liberdade a ideias e valores universalmente reconhecidos e legitimados num sistema de normas e fins aceito pela sociedade (VAZ, 2011, p. 174).

Neste fenômeno, procede a identificação da raiz provável do paradoxo de uma sociedade obsessivamente preocupada em definir e proclamar uma lista crescente de direitos humanos e impotentes para fazer descer do plano de um formalismo abstrato e inoperante esses direitos e levá-los a uma efetivação concreta nas instituições e práticas sociais. A consequência de tal situação são formas muito reais de violência que acabam por consumir a cisão entre Ética e Direito no mundo contemporâneo: aquela degradada em moral do interesse e do prazer, esse exilado na abstração da lei ou confiscado pela violência ideológica (VAZ, 2011).

Uma das características mais originais da práxis humana é, sem dúvida, o fato de que o homem não opera senão a partir do prévio conhecimento do objeto do seu operar. Esse conhecimento não é uma simples representação como pode ocorrer na fantasia animal, mas é um processo de assimilação ativa do real que torna possível uma atitude crítica ou judicativa do cognoscente em face do objeto conhecido. O conhecimento humano, acumulado qualitativamente e organizado numa rede de relações abstratas e em séries classificatórias assume a forma de um saber. Saber este que, desde as origens do fenômeno humano sobre a face da terra, foi efetivando-se das mais diferentes formas, como na linguagem, na pintura, na fabricação de objetos, etc. É este mesmo saber que se constituirá numa das características fundamentais do ser humano, a ponto de Aristóteles dizer que: "Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer". (VAZ, 2011).

Neste diapasão Herrero (2012) destaca a atuação do autor em estudo para resolver os problemas atuais. Vivemos, atualmente, o que se denomina "crise do *ethos*". A primazia conferida pela modernidade à racionalidade instrumental tornou possível avanço significativo em vários âmbitos da vida humana. Porém, uma das consequências dessa primazia é a submissão da *práxis* ética ao domínio do agir técnico. A racionalidade instrumental tem em vistas a produção de objetos capazes de satisfazer necessidades fundamentais ou mesmo necessidades artificialmente constituídas. Ao orientar-se pelos critérios da eficácia e da utilidade, ela não é capaz de dar razões a respeito dos fins últimos que devem orientar a vida humana. Os valores éticos, progressivamente, cedem espaço a valores de troca.

3.2 ÉTICA E VALORES NA ATUALIDADE

Oliveira e Melo (2019) destacam que o indivíduo passa a ser pensado como ser solitário e egoísta que tem como objetivo satisfazer carências e necessidades; além disso, ele é reduzido à mera função social. Os valores e normas tradicionais que orientavam a vida comunitária entraram em crise.

O niilismo iguala todo juízo de valor. Não há mais distinção entre bem e mal. O tempo deixa de ser pensado como circularidade dialética na qual o passado tem função normativa. Tanto o passado quanto o futuro são negados. A sociedade contemporânea é marcada por uma supervalorização do presente. O importante papel educador da tradição passa por profunda crise. O futuro começa, também, a ser visto como enigmático e difícil de previsão. O passado (visto como obsoleto) perde seu papel de referencial às ações. O futuro como indecifrável também deixa de ser assumido como instância normativa.

Verifica-se, dessa forma, que se deve trabalhar com valores desde a infância, tanto no lar como na escola, isso vai desde atitude dos pais como das pessoas que fazem parte do meio de convivência da criança, como por exemplo, se uma pai diz para a criança que mentir é feio, mas este vive mentindo é mais provável que ela aprenda com o exemplo que ela está presenciando, portanto, não basta apenas ensinar, mas sim viver aquilo que transmitimos as pessoas. Contudo, apesar da criança ter sido educada da melhor maneira possível, o seu modo de ver o mundo, a sua consciência é que irá determinar o seu comportamento.

Além disso, o desenvolvimento das tecnologias torna possível o estabelecimento de relações entre diferentes culturas. O encontro de tradições éticas distintas coloca em questão normas assumidas de modo espontâneo no interior de determinada coletividade. O conflito de interesses de grupos sociais distintos, nos níveis local e global, levanta o desafio ético de assumir também em termos planetários, a responsabilidade pelas consequências de nossas ações (OLIVEIRA e MELO, 2019)

A ética tem sido o principal regulador do desenvolvimento histórico-cultural da humanidade. Entretanto, a ética não pode garantir o progresso moral da humanidade. O fato de que os seres humanos são capazes de concordar minimamente entre si sobre princípios como justiça, igualdade de direitos, dignidade da pessoa humana, cidadania plena, solidariedade etc., cria

chances para que esses princípios possam vir a ser postos em prática, mas não garante o seu cumprimento (SALA, 2009, p. 02).

Assim, como é certo, que o homem sofra influências do ambiente em que vive: do clima, da convivência com colegas de trabalho, com amigos, da educação passada no lar e na escola, da cultura e valores transmitidos, etc. Todos esses fatores influenciam o comportamento do indivíduo, mas este deve ter consciência que é o próprio sujeito de seus êxitos e fracassos, e não deve jogar as responsabilidades para fora de si, ou seja, o ser humano é o que ele decide ser pelo conjunto de suas ações.

O discurso da ética confronta-se com a realidade do ser humano que se entende como autoexpressão. Em outras palavras, isso significa a capacidade de dizer Eu sou. Só quem pode exprimir-se com tal frase pode ser sujeito. Vaz resgata um dos eixos teóricos de sua Antropologia Filosófica: a noção de quiasmo do espírito. A sinergia de razão e liberdade, a modo de quiasmo, relaciona Bem e Verdade: pela vontade ou liberdade, o verdadeiro se mostra como consentimento ao Bem; pela inteligência ou razão, o bom exige conformidade com a Verdade (VAZ, 2000, p. 35 e 51)

Ora, sabe-se que a noção de virtude se liga à estrutura teleológica da ação e da vida humana. Daí que consciência e liberdade se evidenciam como características do existir humano. Vemos, pois, despontar diante de nós uma noção de *ethos* que supera a multiplicidade dos *ethea* que marcam a historicidade da existência humana. O existir humano sabe-se sempre particular, situado num aqui e agora que ocupa lugar de mediação do *télos* diante do qual a virtude se projeta. O que o ser humano é em sua essência, ele deve tornar-se na sua existência. A virtude mostra-se como o lugar por excelência da consciência, qual local da identidade do sujeito consigo mesmo, mas também se mostra como local da diferença, pois o sujeito se diferencia de si mesmo ao atestar o juízo de sua consciência. Lembre-se que, uma vez que se mostra reflexão judicativa, a consciência é considerada ação (VAZ, 2000, p. 172).

Essa dimensão pessoal projeta o existir humano a uma analogia com o Absoluto num caminho de passagem da identidade (essência) para a ipseidade(existência). Vem à tona novamente a máxima de Píndaro: torna-te o que és. Neste sentido, a pessoa moral comporta não somente o indivíduo, mas a pertença deste ao *ethos* que o constitui como tal. Daí que o processo de

personalização envolve a totalidade do ser humano e todas as modalidades de sua abertura à realidade exterior que vai desde a realidade do mundo, passa pela realidade da história e alcança a realidade da transcendência (VAZ, 2000, p. 239). A ética dialética de Henrique Vaz postula, pois, uma “metafísica do Bem”, pois vê o Bem como princípio capaz de responder a questão ética por excelência: como convém viver? O Bem como tal, ao qual o espírito se mostra dinamicamente aberto, não é uma coisa no mundo, mas uma exigência transcendental, que leva o homem em consciência e liberdade a escolher bens que se configurem com a exigência do Bem percebido. É nessa dinâmica que o homem passa da identidade (essência ou conjunto de estruturas) para a ipseidade (existência ou singularidade moral). Ele se define como singularidade escolhendo encarnando o Bem transcendental na historicidade das ações boas e dos bens finitos realizados.

Uma nova definição de ética surge do sistema dialético de Henrique Vaz: a ética consiste num “discurso sobre as estruturas inteligíveis da Razão prática na sua ordenação necessária ao Bem” (VAZ, 2000, p. 242). Por isso, a ética possui uma dupla vertente epistemológica: ela é ciência que discorre sobre o Bem (ciência da prática) e é também ciência que nos ensina a ser bons (ciência prática).

A categoria de transcendência é constitutiva do ser humano (cf. LIMA VAZ, 2004, p.16). Sendo constitutivamente ordenado à transcendência, não poderíamos encerrar o discurso do operar humano em sua imanência, ou simplesmente em seu existir concreto. Encerrar o discurso ético na imanência seria uma contradição ontológica. Nesse sentido, devemos estudar o agir humano individual (estrutura subjetiva do agir ético) a partir de sua dimensão onde dá-se a abertura transcendental que especifica o *télos* do agir. A dimensão do agir que o abre ontologicamente à transcendência é a dimensão causal constituída estruturalmente pela dimensão eficiente, e teleológico-normativamente pela dimensão formal. Enquanto causa eficiente, o agir ético é composto pelo dinamismo da sinergia entre os princípios do espírito: razão e liberdade. Enquanto causa formal, o agir ético é especificado pelo finalismo do bem, da verdade, da perfeição.

E, caberá ao homem, ser inteligente e livre, operar de acordo com sua própria inteligência e liberdade, dentro de seu próprio *ethos* histórico-social, em busca de sua própria unidade pessoal, de sua própria identidade ética. Segundo Lima Vaz, o

ato inteligente e livre, próprio do ser humano, “exprime adequadamente a interioridade mais profunda de nosso ser ou do Eu sou primordial” (LIMA VAZ, 2004, p.19), nesse sentido podemos afirmar a autorrealização humana como o caminho para a conquista de sua identidade ética.

4 COMO A EDUCAÇÃO PODE SE BENEFICIAR DO PENSAMENTO VAZIANO NO SENTIDO DE EVITAR O RELATIVISMO, SEM CAIR, CONTUDO, NO ABSOLUTISMO

O ambiente da aprendizagem, na educação, é o contexto social que influencia o desenvolvimento do pensar. Desse modo, a filosofia se encarrega em uma tarefa especial, dentro do processo de formação do homem. A filosofia, entre outras coisas, questiona e abre novos horizontes. Por essa razão, o ambiente educacional precisa ter um olhar e ao mesmo tempo uma oportunidade que construa um ambiente aberto ao questionamento, ao diálogo, e que encoraje os alunos à discussão e ao debate, ao contrário do ambiente autoritário, cuja ênfase recai sobre a memorização. A atitude do aprender deixa de ser uma mera atividade porque recebe a influência do ambiente.

A prática educativa engloba diferentes variáveis no processo de ensino-aprendizagem e que podem defini-la ou configurá-la. Podemos considerar a escola, a família, a sociedade, todo o ambiente sociocultural no qual estamos imersos, como parte deste conjunto de variáveis que se refletem diretamente no ambiente escolar.

Outro aspecto a considerar é a relevância do conhecimento, por parte do educador, da estrutura e dinâmica da sala de aula na qual atua, afim de que considere fundamental propor ações pedagógicas que venham proporcionar trocas mútuas entre seus educandos no ambiente escolar e, em consequência, a aquisição de uma aprendizagem significativa a todos eles (FERREIRA, 2013).

Desse modo, é possível compreender que pela visão histórica, o homem gera uma comunicação com os outros seres que estão ao seu redor. Importante esse destaque, uma vez que a relação do ensino aprendizagem não se dá somente na relação professor-aluno, mas em toda e qualquer relação de um indivíduo para com outro, o que é de destaque:

Historicamente o homem desde sempre viveu em comunidade. O ser humano, por mais que tente, é incapaz de não se socializar com outros indivíduos. A cada nova comunidade que nasce, o homem encontra outros indivíduos diferentes de si, e ao conviverem, trocam experiências possibilitando a produção de conhecimento e história. Nesse processo de criação de uma nova comunidade, cultura e conhecimento, mesmo sem ter tal pretensão, o homem cria regras ou leis para guiar suas ações e para garantir o bom funcionamento e organização da comunidade. Isso mostra

que o ser humano, no ato de conviver com outros, sente a necessidade de criar algo para conduzir suas ações (VIÉGAS, 2021, p. 50).

De acordo com o fragmento acima mencionado, destaca-se a grande relação do homem com outros seres, cuja mesma é fundamental para o processo educacional, o que se tem o objetivo de refletir neste trabalho. A relação de uma pessoa para com as outras é também um pilar importante, como antes havíamos destacado, que faz parte dos processos elementares que auxiliam ao alcance do objetivo, que é a educação. Deste modo, é possível perceber que, desde a origem do homem, o mesmo busca se fazer entender dialogando com a diferença e ponto de vista diferente de outros.

Assim sendo, a organização e comunicação destes seres humanos se fazem junto à necessidade de uma relação, ou seja, uma soma de fatores que apresentados de diferentes modos e pontos de vista, cujo cada qual traz para somar do senso comum ao modo universal, isto é, em comunidade, o que propõe o diálogo para a exposição da opinião de cada indivíduo que é a formação do caráter proposto por uma linear ética, o que ora já foi apresentado neste trabalho em páginas anteriores.

O ser humano, de acordo com Viégas, não consegue viver em uma sociedade sem antes se relacionar e socializar com outros seres. Deste modo o processo de inserção educacional que é proposto, à luz da filosofia Vaziana, se dá justamente no processo em que as relações somam ao processo, uma vez que nesta relação se faz somar a cultura e a “bagagem” com que cada indivíduo oferece do seu particular para a o coletivo, oferecendo assim a construção do seu caráter e opinião, cujo processo será apresentado na próxima sessão.

4.1 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO CARÁTER – OPINIÃO DO ÍNDIVIDUO

À luz dos pilares educacionais acima mencionados, a saber, família, sociedade e escola, que se fazem importantes e indispensáveis na formação do indivíduo, é proposto um olhar para a união desses processos no que diz respeito à formação do caráter, cuja reflexão destaca-se:

Para Lima Vaz somos seres sociais por natureza. As relações são constitutivas do nosso ser pessoa. Isso significa que “do ponto de vista da estrutura social, o indivíduo não se apresenta como molécula livre,

movendo- se desordenadamente num espaço sem direções privilegiadas e regido apenas pela lei da probabilidade de choque com outras moléculas – os outros indivíduos”. (LIMA VAZ, 1993, p. 23).

Além disso, o indivíduo também não é um ser unicamente de carências e necessidades que busca, de modo egoísta e solitário, a satisfação de seus interesses; ao contrário, o sujeito apenas se realiza humanamente na relação com o outro. Isso significa que apenas podemos nos afirmar na nossa singularidade porque estamos submetidos a um processo de socialização através do qual somos reconhecidos pelos outros e também os reconhecemos como seres de valor e dignidade. Nesse sentido, apenas nos humanizamos na medida em que somos capazes de nos elevar à universalidade de um *ethos* concreto e de compartilhar com outros os mesmos valores e normas de ação que tornam possível estabelecer relações recíprocas. Vejamos, pois, o que torna isso possível (OLIVEIRA E MELO, 2019, p. 05).

A luz do fragmento escrito por Cláudia Maria Rocha de Oliveira e Edvaldo Antônio de Melo é possível iluminar ainda mais o horizonte de reflexão, uma vez que é possível compreender que o indivíduo precisa da relação com outros seres para que seja possível o processo educacional e assim sendo a construção do seu caráter.

Uma das relações a se destacar com um valor especial a se pensar, é a relação professor aluno em sala de aula, onde o educador acolhe o educando com aquilo que ele traz em valores aprendidos e construídos à luz da sua realidade social e contexto familiar, que será somado ao aprendizado acadêmico, dentro do processo em que o mesmo mergulhará, a fim de que seja de fato valores fundamentais para ampliar o horizonte de reflexão sobre o ser e o conviver.

Deste modo é possível fundamentar que só é possível o processo educacional, à luz da reflexão do tema que é proposto neste trabalho, à medida que assumimos a nossa “singularidade”, isto é, se faz necessário a socialização com outros seres que somando também com aquilo que são e trazem, se faz possível reconhecer em ambos a sua dignidade e valor. Para Lima Vaz, a pessoa é expressividade de si, e se constrói na relação.

Para a educação do indivíduo, a relação entre outros seres se faz importante para esse processo, uma vez que é possível trazer em reflexão outra visão sobre o que se busca e desse modo com a expressão e fatores com que abrangem o proposto, é possível alcançar o objetivo da educação que é ampliar a reflexão, sem antes reduzir ou relativizar conceitos e idéias, o que é proposto para reflexão na próxima sessão.

4.2 ABSOLUTISMOS X RELATIVISMO NA EDUCAÇÃO

O absolutismo busca valores absolutos e seguranças inquestionáveis, e se faz presente, sobretudo no contexto atual, como reação a um clima cultural em que as certezas são postas à prova da crítica. Já o relativismo é a posição que provoca um abalo na crença nos valores, a ponto de, no limite, dar a entender que não existe bem ou mal, que tudo se iguala.

O desafio da educação está em manter aberto o horizonte do valor. Por que educaríamos se não houvesse horizonte de valor? É preciso buscar o melhor. Como se viu, Lima Vaz mostra que o ser humano está direcionado ao Bem, justamente porque é um ser aberto ao Ser. No entanto, esse horizonte deve manter a relatividade própria da condição humana. Não somos deuses. Vivemos na relatividade da história e da cultura. Essa relatividade abre espaço para a crítica, para o desenvolvimento, para as mudanças e para o crescimento. O absolutismo paralisa. O direcionamento metafísico da pessoa ao Bem não absolutiza bens intra-históricos, mas a convida a ir sempre além.

Segundo Martinelli (2016) a boa relatividade direcionada pode atuar para educar e capacitar o indivíduo para os desafios do mundo, pois o mundo que o rodeia não é um mero espaço de relacionamento social, é um universo em que valores e tradições se produzem, reproduzem, brotam, florescem e alimentam o humano, que não apenas se fortalece, torna-se condutor responsável por transportar esses denodos às novas gerações. Como acredita Martinelli:

A vivência dos valores alicerça o caráter e se reflete na conduta como uma conquista espiritual da personalidade. No dinamismo histórico, os valores permanecem como herança divina em cada um de nós, apontando, sempre, na direção da evolução pelo autoconhecimento. Nesse grandioso drama humano, criado por nossos erros e acertos, os valores abrem espaço e trazem inovações essenciais para a sobrevivência da espécie e o cumprimento do papel do ser humano na criação. Vivemos tempos críticos, violentos e desesperados; isso acontece devido ao fato de a humanidade ter esquecido seus valores e tê-los considerado até ultrapassados e desinteressantes (MARTINELLE, 2016, p. 15).

Martinelli (2016) destaca que a relatividade na Educação é uma resistência que deve ser rompida. Pois, na verdade, tudo é relativo. Se quisermos contabilizar

vitórias, a Matemática nos oferece os números relativos e, mesmo no cotidiano, é constante a interferência do relativo para que valores não sejam aniquilados.

No universo educacional, a relatividade se ressalta num ponto crucial: a ética, tão ausente nos locais de trabalho e, principalmente, no espaço escolar. A relatividade lança mão da reflexão e da crítica, não para destruir, mas mais exatamente para que bem e mal possam ser avaliados e pensados, para defender a veracidade por meio de análises de fatos e circunstâncias, ao ponto de precaver contra uma pretensão de verdade absoluta que poderia ferir os princípios da justiça e da liberdade, sem, contudo, cair no niilismo.

Em um conflito com o absolutismo esses pensamentos fazem com que a relatividade, que compreende o mundo, as coisas, as pessoas por meio do próprio universo, adote a liberdade como fundamento e o respeito ao conhecimento coletivo como princípio, divergindo do absolutismo — que é egocêntrico e salienta a individualidade como plataforma para reger suas informações. Incoercível, interpreta e decreta que cada um é responsável pelo próprio crescimento, por acreditar que o choque de diferenças que proporciona maturidade é o combustível que aciona o crescimento pessoal.

Neste sentido destaca-se que a educação é um dos temas que se pode tirar da reflexão de Lima Vaz. Para ele, o *ethos* possui papel importante na formação da consciência e da personalidade morais.

Lima Vaz destaca a crise do *ethos* e da tradição torna necessário adotar uma postura reflexiva, que é preciso tomar distância e avaliar o próprio *ethos* concreto.¹² A relação entre sujeito e *ethos* não é completamente determinada. O sujeito pode sempre se opor às tradições e colocar em questão a validade das mesmas. Além disso, quando as tradições estão em crise, urge redescobrir nova orientação através do exercício do *logos*. Essa orientação deve ser capaz de conduzir o sujeito à realização do bem. Como se ressaltou nos capítulos anteriores, segundo Lima Vaz o homem vive no horizonte da abertura do Ser e do Bem. O dinamismo em direção ao Bem o leva a criticar os bens que ele, de acordo com sua percepção histórica, julga insuficientes no próprio *ethos*, sem, todavia, cair no relativismo total.

Para o autor, a realização do sujeito como pessoa pressupõe a necessidade de um processo pedagógico capaz de elevar o indivíduo da situação contingente e empírica à universalidade objetiva do Bem. A possibilidade do existir pessoal

¹² Cf. Escritos de filosofia II e III. (Completar as referências, e no lugar certo, no corpo do texto).

concreto, ou seja, do existir no qual o sujeito se realiza como pessoa, supõe, portanto, um processo contínuo de formação através do qual é concedida a cada sujeito a possibilidade de se tornar quem ele verdadeiramente é, ou seja, pessoa.

Pode-se ressaltar que a preocupação de Lima Vaz com o relativismo, bem como com o niilismo contemporâneo vem dessa consciência aguçada da leitura que ele faz dos clássicos gregos, sobretudo de Platão, que o desperta para uma visão humanista crítica. Conforme ele interpreta:

Tendo como alvo a virtude, que a experiência do destino e da fortuna, longe de alimentar um resignado fatalismo na alma grega, estimulou todas as suas energias para responder, com a criação da ética e da política, à ameaça do niilismo moral que sobre ela pairava na hora da desagregação do *ethos* tradicional. (LIMA VAZ, 2011, p. 143-144).

Atualmente estamos vivendo num tempo de precariedade de nossas certezas, e não há receitas, não há formas padronizadas. E isso não deixa de ser produtivo. Exercita nossa criatividade, nossa imaginação. Coloca-nos frente a decisões urgentes e emergentes. Para tanto precisamos, no mínimo, ter a certeza de nossa complexidade como seres humanos. A complexidade do ato de aprender, que une dimensões tão distintas (orgânicas, cognitivas, afetivas e inconscientes, socioculturais) precisa ser reconhecida e mobilizada como facilitadora de um aprendizado mais comprometido com a identidade do homem.

Oliveira e Melo (2018) chamam a atenção para o fato de que ao afirmar que a comunidade tem grande responsabilidade no processo educativo do indivíduo, Lima Vaz mostra que a tradição assume lugar fundamental. Ora, essa posição se apoia numa concepção específica de temporalidade. Segundo esse autor, a noção de tempo pressuposta pela ideia de *ethos* como tradição não pode ser compreendida como movimento puramente linear. O tempo linear quantitativo se apoia na ideia de um progresso contínuo que desvaloriza o passado e lança ao futuro a tarefa de se constituir como instância normativa à vida humana. Para ele “na estrutura do tempo histórico do *ethos*, o passado se faz presente pela tradição, e o presente retorna ao passado pelo reconhecimento da sua exemplariedade”. (1993, p. 20).

O passado, assim compreendido, esclarece Lima Vaz, é “suprassumido na universalidade normativa e paradigmática dos costumes”, e se torna instância fundadora e julgadora do conteúdo ético” dos costumes no “aqui e no agora da práxis que a ele se refere”. (1993, p. 19-20). O ser humano não vive no vazio. Ele se

situa numa tradição consubstanciada no *ethos* e, sob o dinamismo de sua orientação fundamental para o Bem, pode dar novos passos, mas o faz a partir do solo firme no qual tem os pés. Assim, essa sua proveniência do *ethos* e essa sua capacidade de dar sempre novos passos indicam a necessidade e a importância da educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou responder à seguinte questão-problema: **como se dá a discussão entre o valor moral, a busca do bem e a educação, de um lado, e, de outro, a relatividade do agir histórico, sob a ótica da ética de Lima Vaz?** A partir disso, temos a reflexão de que o conceito de **relativismo** cultural deve ser adequadamente compreendido por todos os indivíduos envolvidos direta ou indiretamente nas situações de contato. É um princípio que permite ao observador ter uma visão objetiva das culturas, cujos padrões e valores são tidos como próprios e convenientes aos seus integrantes. Considerando a extrema diversidade cultural da humanidade, pode-se compreender cada grupo humano, seus valores definidos, suas exclusivas normas de conduta e suas próprias reações psicológicas aos fenômenos do cotidiano; e também suas convenções relativas ao bem e ao mal, ao moral e ao imoral, ao belo e ao feio, ao certo e ao errado, ao justo e injusto, entre outras.

No primeiro momento, trabalhamos a sua antropologia, que tem o intuito de levar a cabo uma compreensão filosófica sobre o conceito de pessoa, que é, para ele, a categoria que diz quem o homem é. E, diante desse processo, a categoria de pessoa demonstra ser a síntese integral da antropologia filosófica entre o transcendente e o imanente, o dado e a forma, a **finitude** e a **infinitude**, o sujeito e o objeto do ser.

Procurou-se responder à questão sobre **o ser do homem**. Dado que não se tem uma intuição de partida sobre quem seja o homem, Lima Vaz elabora um método complexo, dialético, em que procura considerar os passos dados pela tradição de conhecimento humano, em seus vários níveis e expressões, em vista do trabalho, eminentemente filosófico, de síntese ou explicação filosófica.

Buscou-se analisar o homem enquanto sujeito como limite da finitude e da infinitude, o que permite evitar os **reducionismos**. Parte da contingência empírica da natureza e se dirige ao horizonte de expressividade, da cultura e da transcendência, do dado da natureza ao dinamismo de seu espírito, sem negligenciar nenhum desses aspectos.

Adotou-se um percurso metodológico na busca de apresentar um conceito que possa abarcar as diversas e antagônicas imagens do homem que se desenvolveram na história, nas ciências humanas até alcançar a dimensão

propriamente filosófica, metafísica e integral do homem. Em sua análise metodológica, se propõe a identificar categorias, definir seu conteúdo, e articulá-las de modo a que se constitua com elas um discurso sistemático. Dessa forma, é na sistematização metódica que a categoria de pessoa se apresenta como nível mais elevado da antropologia vaziana para a questão sobre o que é o homem. O que compreende, caracteriza e constitui o homem enquanto objeto caminho, sujeito e totalização humana é a categoria de pessoa, desde sua experiência primeira, constituição e conceituação filosófica

Ao discutir a relação do espírito com a transcendência, destacou-se que a categoria estrutural do espírito corresponde à categoria relacional de transcendência, assim sendo, sua compreensão precisa mostrar a sua relação com a dimensão do espiritual, pois a mesma se coloca à frente das categorias de objetividade e de **intersubjetividade**, e o espírito envolve as categorias de estrutura do corpo e da psique, encontrando nessas duas categorias o ponto mais alto da reflexão e da auto expressão do **Eu sou**.

Apresentou-se a visão de homem no mundo ocidental dando origem a duas formas do saber humano: a **metafísica** e a **ética**. A Antropologia filosófica deve situar-se na interseção desses dois saberes, na medida em que ela irá coroar sua explicação do homem com as duas prerrogativas da “razão teórica” e da “razão prática”. Ao observar o seu contexto, Lima Vaz constata que a abordagem cientificista do homem é redutora e limitada, pois foca somente aquilo que pode ser objetivado, enquanto a ética é abrangente.

A sociedade contemporânea é marcada por uma supervalorização do presente. O importante papel educador da tradição passa por profunda crise. O futuro começa, também, a ser visto como enigmático e difícil de previsão. O passado (visto como obsoleto) perde seu papel de referencial às ações. O futuro como indecifrável também deixa de ser assumido como instância normativa.

É preciso então buscar valores na ética a qual consiste num discurso sobre as estruturas inteligíveis da Razão prática na sua ordenação necessária ao Bem. Por isso, a ética possui uma dupla vertente epistemológica: ela é ciência que discorre sobre o Bem (ciência da prática) e é também ciência que nos ensina a ser bons (ciência prática).

O ambiente da aprendizagem, na **educação**, é o contexto social que influencia o desenvolvimento do pensar. Desse modo, a filosofia se encarrega em uma tarefa especial, dentro do processo de formação do homem.

O **absolutismo** busca valores absolutos e seguranças inquestionáveis, e se faz presente, sobretudo no contexto atual, como reação a um clima cultural em que as certezas são postas à prova da crítica. Já o relativismo é a posição que provoca um abalo na crença nos valores, a ponto de, no limite, dar a entender que não existe bem ou mal, que tudo se iguala.

Em um conflito com o absolutismo esses pensamentos fazem com que a relatividade, que compreende o mundo, as coisas, as pessoas por meio do próprio universo, adote a liberdade como fundamento e o respeito ao conhecimento coletivo como princípio, divergindo do absolutismo, que é egocêntrico e salienta a individualidade como plataforma para reger suas informações. Incoercível, interpreta e decreta que cada um é responsável pelo próprio crescimento, por acreditar que o choque de diferenças que proporciona maturidade é o combustível que aciona o crescimento pessoal.

Neste sentido destaca-se que a educação é um dos temas que se pode tirar da reflexão de Lima Vaz. Pela afirmação do Bem, em cujo horizonte vive a pessoa, dotado da categoria de espírito, evita-se o relativismo e se tem o apoio para a ética e para uma educação fundada na ética. Mas o horizonte do Bem não determina de imediato quais são os bens concretos. O horizonte do bem leva a discernir o que é bom, sem cair no absolutismo ético, em que não há espaço suficiente para a liberdade, criatividade e discernimento da pessoa. Para Lima Vaz, o *ethos* possui papel importante na formação da consciência e da personalidade morais. É no *ethos* que a pessoa recebe a noção dos bens e é a partir do *ethos* que ele pode discernir atraído pelo Bem transcendente. Ao afirmar que a comunidade tem grande responsabilidade no processo educativo do indivíduo, Lima Vaz mostra que a tradição assume lugar fundamental.

Assim sendo, esse trabalho se dá na construção de uma pesquisa mediante um processo que ainda poderá caminhar em uma continuação, desse modo, com humildade e simplicidade apresentamos este trabalho construído à luz da reflexão filosófica, ética e antropológica do autor, com o objetivo de iluminar a reflexão sobretudo no caminho de formação educacional do ser humano, que

permeia no processo ético. Assim sendo, aqui se faz presente uma pequena contribuição que poderá ser continuada ao longo do processo acadêmico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo Raphael de Oliveira. **Antropologia filosófica de Henrique Cláudio Lima Vaz como superação do reducionismo antropológico**. 2016. p. 27. Dissertação (Mestrado em Filosofia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19802/2/Paulo%20Raphael%20Oliveira%20Andrade.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2022.

ARDUINI, Juvenal. **Destinação antropológica**. São Paulo: Paulinas, 1989.

BARBOSA, Isaias Mendes. Antropologia filosófica vaziana: as concepções do homem na filosofia contemporânea e a categoria de pessoa. **Logos & Culturas: Revista Acadêmica Multidisciplinar de Iniciação Científica**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p.11,13. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Irma/Downloads/antropologia-filosfica-vaziana.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2022.

DE JESUS, J. E. Reconhecimento e consenso na antropologia e na ética filosófica de Lima Vaz. Princípios: **Revista de Filosofia (UFRN)**, [S. l.], v. 27, n. 53, p. 205–224, 2020. DOI: 10.21680/1983-2109.2020v27n53ID19051. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/19051>. Acesso em: 26 set. 2022.

FERREIRA, Márie dos Santos. **O conceito de pessoa humana no pensamento de Lima Vaz**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/27456018/o-conceito-de-pessoa-humana-em-lima-vaz-uece>. Acesso em: 03 jul. 2022.

FERREIRA, Antônio Marcos Maciel. A categoria de espírito e as relações humanas na antropologia Vazeana. **Revista Pensamento Extemporaneo**. Disponível em: <https://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=2760>. Acesso em: 03.jul.2022.

KONZEN, Felipe Klafke. **O conceito de pessoa em Lima Vaz**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <https://ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/logosculturas/article/view/61>. Acesso em: 03.jul.2022.

MARIZ, D. Justificação e fundamentação racional da ética em Henrique Cláudio de Lima Vaz. Griot :**Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 57–64, 2014. DOI: 10.31977/grirfi.v10i2.620. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/620> . Acesso em: 27 set. 2022.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de; MELO, Edvaldo Antônio de. Ética e educação em Lima Vaz. **Conjectura**, v. 23, n. especial, p. 207-222, 2018. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/6230/pdf>. Acesso em: 03 maio 2022.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Antropologia filosófica I**. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Antropologia filosófica II**. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. Ética e Razão Moderna. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 22. n. 68, p. 53-85, 1995. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1132/1539>. Acesso em: 03 jul. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de S., **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

POZZO, Edson Luiz Dal. A dimensão do espírito e a relação com a transcendência em Lima Vaz – uma resposta ao nihilismo contemporâneo. 2014. P. 117. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – **Revista Fragmentos**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS), Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2938/1/457928.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2022.

SILVA, Luiz Carlos de Lemos. **As dimensões fundamentais da abertura humana ao transcendente à luz da antropologia filosófica de Lima Vaz**. (2009) Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:qvQHPSiyFAAJ:seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/downloadSuppFile/4613/360&cd=7&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 03.jul.2022.

VIÉGAS, Luan Carlos Costa. A ética como princípio educador em Lima Vaz. **Annales FAJE**, Belo Horizonte – MG, v.6, N.4. (2001). Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4952>. Acesso em: 03 jul. 2022.